



Gaiato

6 DE FEVEREIRO DE 1971
ANO XXVII — N.º 702 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

LOURENÇO MARQUES

VIM para ver as obras e saborear o fim da tarde. Estou sentado de costas para a Aldeia sobre os alicerces da Casa Mãe, quase um terço fora de terra. Levantadas são já vinte e seis colunas em ferro e prontas à cofragem, alicerces bem lançados, que o terreno é falso, de areia solta.

Queremos construir bem e depressa, mas há falta de mão de obra qualificada. A cidade, no seu momento de construção, absorve quantos, bem ou mal, saibam fazer alguma coisa. Tudo corre para a cidade, Gente nova que de longe vem aliciada para mainato ou moleque de menino e deixada em pequenos grupos por essas machambas, desaparece depressa a caminho da cidade.

Aqui donde estou, vejo passar na estrada um camião de caniço. Quantos passaram durante o dia! É outro tipo de construção que não abona o progresso em que estamos. Mas os seus construtores são os donos da cidade de cimento. Porquê esta antinomia? É preciso, como disse um nosso Deputado na Assembleia Nacional, «diminuir o crescimento, na órbita das cidades, de ghettos de caniço, sem electricidade, sem água canalizada, sem saneamento, sem ameadades, onde proliferam os mais intrincados problemas sociais. A vida da palhota não pode continuar a ser condição permanente destas populações. Só para os cegos à realidade e à injustiça é que estas situações não encerram elementos de colisão». (Disc. de 25 de Fevereiro de 1970.)

Será que as cidades quando nascem, como o homem, já trazem em si o germen da morte?

Padre José Maria



Num cantão da Suíça? Não! Em Paço de Sousa. Duas expressivas imagens do forte nevão que cobriu a nossa Aldeia. Em cima: Papa-figos, Peixeira, Janota, Tambor, Tominho, Cavaquinho, Juiz da Fome e Mão-leve — ensaiam rudimentar passeio de esqui... Em baixo: sedutora paisagem de um belo recanto da nossa quinta!



Uma Carta

«Querido Gaiato:

Li, esta noite, enquanto lavava um doente grave, o teu número 700 e recordei todos esses que creio me passaram pelas mãos. A princípio emprestado, depois meu, pagando a assinatura sabe Deus como, e às vezes talvez sem a pagar. Acompanhou-me na minha vida de estudante, de rapariga, de mãe. Apaixonou-me pelos que sofrem, pelos que não sabem, pelos que nada têm e deixa-me, dia a dia, o sofrimento que me mina de não saber fazer o bem, de não me aceitarem ou compreenderem.

Li no vosso jornal de há tempos que um «pobre» ambulante de carroça se recusou a entregar-vos os filhos para uma vida melhor. Tenho um caso parecido. Pessoas de família não têm possibilidades económicas de dar um curso aos filhos; apareceu quem se responsabilize pela despesa e o 1.º fez o 2.º ano. Não continuou — tem de ser o braço direito do pai que é adoentado, para a lavoura. Começou o 2.º filho mas com que dificuldade, porque a mãe vai dizendo e escrevendo: «será o tal 5.º ano o segredo da felicidade?» Será que Deus tenha falado? Não deve ir longe, não tem ambiente de estudo, há até guerra

em casa! Como mentalizar?!

Mais outro caso: há aqui uma criança, melhor, dois rapazinhos de 14 e 16 anos deficientes físicos. Um, atacado de traumatismo craniano, não coordena os movimentos. Parece-me que poderia recuperar, porque em vez de se arrastar, já consegue andar com muletas; com pouca insistência da minha parte conseguiu pegar no lápis, traçar uns riscos.

Quantas vezes procurei convencer os pais a tentar-se um internamento para recuperação. «Credo! Não me roubem o meu filho! Não e não!»

O outro, já com os problemas da adolescência, precisava de trabalho que lhe ocupasse as mãos e o pensamento de ideal. Por operações várias está privado do maxilar inferior, língua, fala!... Alimenta-se por sonda nasal, mas em tudo o mais é normal. Quis despertá-lo intelectualmente, prometi até levá-lo a exame de 4.ª classe, mas a mãe... «valha-me Deus, com tanto frio, coitadinho!...» E ele não mais apareceu.

E os que não saem da porcaria, que na escola cheiram mal e causam náuseas e que já têm dinheiro?

Tudo isto sempre me preocupou e nada tenho feito, ou nada tenho conseguido!»

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

Futebol — Tudo vai em forma. Só estamos é com falta de alguns clubes que nos queiram visitar que, nesse caso, lhes ficaríamos muito agradecidos.

Pombos — Temos uns casais deles que se vão desenvolvendo pouco a pouco, mas agradecemos aos nossos amigos columbófilos que nos dispensem alguns pombos correios.

Agradecimentos — Estamos inteiramente gratos por algumas coisas que mandámos pedir e que nos destes. Pois agradecemos a Deus por tudo isto.

Estudantes — O segundo período começou e as notas do 1.º período não foram más, mas esperamos melhores nas seguintes para que possamos aproveitar bem estas oportunidades que nos são oferecidas.

Xavier

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Dobrámos mais um ano. E o Senhor nos ajude a resolver problemas difíceis que temos em mãos. É necessária muita ajuda material, sim; porém, muito de espírito inventivo — para encontrar soluções. Estas é que interessam. Pois nunca fomos adeptos de manter miséria. Mas de promover. Aqui está!...

O QUE RECEBEMOS — Apesar da grandiosa procissão natalícia,

Sem comentários...

«Dois terços dos 900 milhões das crianças que existem actualmente no Mundo vivem em condições miseráveis — lembrou a princesa Grace de Mónaco, presidente de honra da Associação Mundial dos Amigos da Infância.

A associação propõe-se não só auxiliar materialmente as crianças que sofrem, mas também melhorar a sua formação intelectual e moral. A princesa foi em especial muito aplaudida quando afirmou que «a Imprensa, a Televisão e o Cinema exploram temas de violência e de horror».

o número de participantes não diminuiu! Graças a Deus.

Aí vão mais presenças:

De Vila de Rei, 50\$00. Mais os perseverantes 20\$00 da assinante 17022. E dez vezes mais de Mem Martins. Outros 20\$00 — muito anónimos — do Porto. E o dobro de A. F., também do Porto. «Relativos ao 2.º semestre de 1970, 240\$00», do assinante 19205, da Horta. Estes subscritores têm muito valor! Mais 20\$00 da Rua da Conceição, Porto. Ainda do Porto, mais 20\$00 do assinante 10159. Viana do Castelo, 50\$00. De novo o Porto, assinante 17096, com mais 20\$00. E mais Porto, com o dobro, da assinante 23126. Viva o Porto! Mais 20\$00 de Lisboa. E mais 50\$00 de Maria, da capital. Mais 100\$00 da Rua Costa Cabral, Porto, divididos também pela nossa Conferência do Lar do Porto. E outra vez Lisboa, Rua Marquês de Abrantes, com boa fatia. Mais Aveiro, assinante 25205. E é tudo.

Júlio Mendes

CALVÁRIO

Insistindo... — Já aqui fizemos eco das preocupações que nos têm causado a esmola viciosa.

Isto quer dizer que... à parte pequenas coisas, se continuam a registar grandes males. E não serão de menosprezar os seus efeitos. Em vez de ajudar — destroiem. E também não é novidade para aqueles que conhecem este meio; que tudo isto ajuda a termos na devida conta os efeitos de que tais esmolas são muito prejudiciais.

Não se pretende pois outra coisa senão reabilitar quem já viveu da pedincha. Os pequenos letrados continuam a ser um aviso. E também uma prova para quantos nos visitam.

Será uma prova... ou contrariam a liberdade?

Só prova! Liberdade pura é o que desejamos aos de dentro e de fora.

Há visitantes que ficam a olhar para nós com cara de espanto (ou mesmo, de «poucos amigos») quando apontamos este modo de liberdade combatendo a velha pedincha...

Quando todos, porém, compreenderem o nosso desejo haverá com certeza menos vítimas despresadas pela sociedade a regenerarem-se dos vícios. E com mais saúde e alegria espiritual.

Fraternidade — Sabemos ser difícil, entre gente das mais variadas procedências e necessidades, festejar em verdadeira harmonia o Natal. Mas, quando as pessoas têm uma pequena noção do que se pode fazer, a harmonia nos mesmos sentimentos... é um prodígio no Prodígio da Encarnação do Filho de Deus.

Assim podemos sintetizar como foi o Natal passado neste cantinho da Obra.

E Ele quis dar-nos bastante mais do que as tradicionais «consoadas». Na véspera, veio buscar 2 irmãos nossos. Entendeu que tinha o direito de ter uma «Consoada». E teve à Sua maneira.

Na parte que procuramos que fosse um marco na nossa convivência fraterna do dia-a-dia todos demos as mãos débeis ou fortes e tornámos a noite de 24 de Dezembro bastante saudável física e moralmente. E se mais tempo houvera... Antes da Missa do Galo, haveria motivos para não pensarmos nos nossos defeitos morais ou até físicos.

Decerto, talvez julguem que se fez um convívio com coisas ensaiadas. Nada disso. E ainda bem! Tudo a bradar contra formalismos. Aproveitando a imaginação, fraca em grande parte, mas portadora do sentimento dominante: «Quem dá o que tem...»

Desde os rapazes da nossa Comunidade, deste recanto até às cantigas do Bernardo e Maria Alice, tudo foi obra de ocasião. «Que chatisse, agora que isto ia aquecer...», ouviu-se dizer. Não que a fogueira da lareira do nosso salão tenha estado apagada; longe disso! Só serviu aquele ardor de ver vingada a finalidade, indo cantar com calor fora do normal, a Santa Missa. Se o mundo soubesse o valor da Festa de Natal...

Fizemos o possível, todos, para que no meio de tão variados feitos e males haja mais força e coragem para alcançarmos a Verdadeira União.

Mas... Deus tem sempre um mas a acrescentar. Não contente com as graças dadas, quis abrir as Portas do Céu a um outro nosso irmão — no próprio dia de Natal!

Amigos. Quisemos que compartilhassem connosco do nosso Natal, no Calvário, mais na Casa do Gaiato, em Beire.

A nossa Família de crianças, velhos, orfãos e viúvas, naturais de Angola, Moçambique, Madeira e Continente, desejam que todos os Amigos da Obra tivessem um Natal cheio de Verdade, Luz e Fraternidade. E que o Ano de 1971 seja... o que Deus quiser!

Manuel Simões

MIRANDA DO CORVO

O nosso encontro anual — Mais uma vez os nossos rapazes mais velhos de Coimbra e de Miranda do Corvo tiveram o seu encontro de formação espiritual.

Desta vez teve características diferentes, no modo como nos foram apresentados os temas e também no lugar onde se realizou.

O retiro teve lugar pela primeira vez no nosso Lar do Gaiato de Coimbra, cuja construção, recentemente concluída, se apresentou com óptimas condições para a realização do nosso encontro. Para melhor ambiente, os rapazes do Lar decoraram-no com motivos litúrgicos e dísticos da semana de Natal, dando-lhe assim um aspecto mais familiar e festivo. As partes da casa mais frequentadas por nós durante aqueles dois dias foram: a sala de reuniões, como o próprio nome indica (era aquela onde nós assistíamos às palestras e onde passávamos mais tempo); a sala de jo-

gos e a inseparável varanda que para nós serviram como lugar de reflexão; a Capela onde centrámos o nosso encontro e também onde o Senhor estava ao nosso dispor para podermos desabafar com Ele (por isso mesmo a Capela é pequenina mas bastante acolhedora, dado que fica precisamente a um cantinho da casa), e a sala de jantar.

Começámos pela benção dos crucifixos e pela sua colocação em todos os compartimentos da casa e fizemo-lo em cortejo litúrgico, conscientes de que a imagem do Senhor crucificado nos ajuda a aceitar a cruz de todos os dias.

O orientador deste encontro, foi o Sr. P.e Jerónimo, do Seminário de Coimbra, nosso conhecido e velho amigo desde pequeno.

O primeiro motivo para reflexão, foi a passagem do profeta Elias em que o Senhor lhe apresentou alimento e o mandou comer e seguir a caminhada. O segundo motivo foi o encontro de Jesus com os Apóstolos, quando eles regressavam da primeira pregação e vinham radiantes. O Senhor convidou-os a retirarem-se e a conviver um pouco. Outro tema foi o Ideal, compreendendo-se que todo o homem que não tem Ideal, compara-se a um ser irracional. Falámos também sobre a Graça e a importância da vida em Graça em nós; consciencializa-nos mais filhos de Deus e herdeiros do Céu. Mas como a vida em Graça se pode destruir por meio do pecado que é um obstáculo ao qual todos estamos sujeitos e devemos evitar — porque só nos traz consequências desastrosas.

Sobre este tema — Graça — temos uma passagem no Evangelho que nos serviu para meditação. Esta passagem foi a de Nossa Senhora que, porque estava cheia de Graça aceitou plenamente a vontade de Deus para ser mãe de Jesus Cristo nosso Salvador. Nossa Senhora, depois da aparição do Anjo Gabriel, teve vontade não de se servir mas sim de ajudar os outros e a primeira a ser ajudada foi sua prima Santa Isabel que estava para ser mãe. Devemos concluir que como Cristo veio cumprir a vontade do Pai, também nós porque somos seguidores, ou seja, somos discípulos de Jesus Cristo, também temos de realizar a vontade do Senhor. Devemos compreender que quando a vontade do Senhor germina no íntimo dos nossos corações, temos mais vontade de ajudar, esquecendo-nos de nós próprios, isto é, fazemos caridade. Também quando nos desprendemos da nossa auto-suficiência, do nosso orgulho e do nosso egoísmo, temos mais vontade de praticar a caridade, mas além disto somos mais amigos de Deus. Portanto, mais confiantes nEle porque só Ele nos pode conduzir ao caminho da salvação ou seja da rectidão.

Isto veio a propósito numa outra passagem do Evangelho, que foi quando Cristo seguia no meio da numerosa multidão que O aplaudia e parou junto de um cicómero e, ao ver Zaquaeu empoleirado, exclamou:

— «Desce daí Zaquaeu que hoje quero ficar em tua casa».

Completamente espantado, por-

que era pecador, mesmo ladrão; e então a sua atrapalhação foi tão grande que não a pode esconder porque chegou ao ponto de dizer ao Senhor que iria quadruplicar com o dinheiro todos aqueles que ele tinha falsificado porque era cobrador de impostos. Não é demais acrescentar que apesar de nós sermos pecadores, o Senhor quer vir morar para a nossa «casa».

Mas o tema dominante do nosso retiro, foi a Amizade; o que ainda mais comprova esta afirmação foi a presença de duas religiosas que nos falaram precisamente acerca deste tema e que nos deram o seu testemunho pessoal das amizades que elas têm conseguido, muitas vezes de maneiras incríveis.

E assim, com o coração mais aberto para ouvir a voz do Senhor e pela celebração da Santa Missa — que para nós foi um dom especial porque comunhámos as duas espécies (Corpo e Sangue de Jesus Cristo) — chegámos ao fim do nosso encontro.

Agora, e para finalizar, só me resta acrescentar que relembrar um vez mais aos nossos rapazes que tiveram este encontro espiritual que o retiro começou no fim da Missa e depois do jantar de confraternização.

Veremos os seus frutos.

Casimiro

XXX

Casamento — Mais um casamento na nossa Casa de Miranda: O José Carlos com a Maria Emília.

Foi a Missa na nossa Capela.

O Zé Carlos (Grilito) veio para a nossa Casa em pequeno. Foi vendedor do Gaiato durante muito tempo, depois foi para a nossa carpintaria onde aprendeu a arte. Agora é um bom carpinteiro. Está a trabalhar cá em Casa.

Desejamos-lhe muitas felicidades.

Natal — O nosso Natal foi alegre e sorridente. Não há Natal tão bem passado como na nossa Casa.

É um encanto ver os mais pequeninos a receberem os brinquedos e cada um dos mais velhos a receberem também a sua prenda com entusiasmo e alegria.

Ao fim do dia tivemos a nossa festa de teatro que foi já também uma preparação para as nossas festas. Foi uma festa muito boa, embora preparada à pressa. Temos esperança que o nosso programa vá, outra vez, agradar muito aos nossos amigos.

Eleições — No dia da festa da Sagrada Família tivemos as nossas eleições.

Foram eleitores todos os que já tinham 14 anos. Foi um acto sério e livre.

Apurados os votos na quinta votação ficaram eleitos: chefe, Agostinho Martins «Vitinho»; sub-chefe António Martins, «Fala Barato». Saibam desempenhar bem o seu papel, como todos desejamos, é o que pedimos a Deus.

Um do grupo

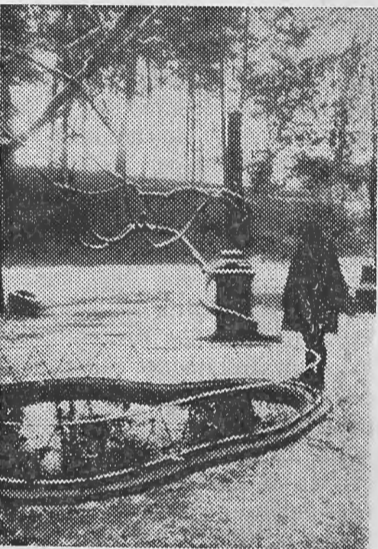


Paço de Sousa



Já que o crónista de Paço de Sousa marca falta — injustificada...! — Julião e «Apontamento» são notícia. Contemplam — extasiados — o alvo manto de neve que foi encanto da comunidade.

Reparem, sobretudo, na surpresa do Julião entre os cavacos! É de Malanje...



Guiné

A quadra festiva que nos acaba de deixar, foi para mim inesquecível. Época de paz, de calma de espírito, de alegria e satisfação — em terras da Metrópole. Aqui, época em que maior é o perigo, desgaste de nervos...

Longe de amigos, de familiares e de todos aqueles a quem muito quero, senti bem vivamente a sua presença amiga e quente durante esta quadra. Montes de cartas recebidas. Autênticas mensagens de amizade que jamais morre. Todas elas cheias de conteúdo humano e cristão, porque de amor.

De toda essa maravilhosa correspondência, eu extraí, da primeira à última linha, uma coisa que tanta falta nos faz, aqui longe: o apoio moral dos amigos e familiares.

É este o meu sentir diante de tantos e tantos colegas quase abandonados por aqueles que têm deveres para com eles e para com todos os que aqui sofrem e se desgastam na defesa dum ideal cujas razões por vezes raramente se descortinam. Nota-se a grande falta de correspondência, sobretudo, entre os soldados, essa humilde e boa elite que mais do que todos, precisam de carinho e de aconchego.

Custa sempre um pouquinho ter de passar um Natal, ausente de todos aqueles com quem, durante anos e anos, comungámos nos mesmos ideais e nas mesmas alegrias. Não esperava uma consoada como a que tive este ano. Os oficiais da Unidade foram convidados para a ceia em casa cá da terra. Muitas iguarias, muito conforto, muita música, de tudo o melhor e também muito pouco... Natal Cristão! A horas um tanto já adiantadas andámos a distribuir o célebre «bacalhau com batatas» aos soldados disseminados pelos abrigos ao longo da periferia do quartel. Ai sim, gostei imenso. Mesmo muito. Poucas comodidades, pouco luxo, quase ausência de iguarias e beberices. Mas uma festa feita por eles e orientada pelos furréis. Alegria, simples e espontânea! Canções e velhas com brancas dos tempos de outrora. Improvisaram-se instrumentos musicais; os cantares apareceram à última hora, roufenhos ou afinados. Mas Natal é festa! «E tristezas não pagam dívidas» — é o lema. A noite, porque de festa, era muito perigosa. Esperava-se ataque. Graças a Deus não houve nada e a festa pôde continuar noite dentro. Estive bastante tempo a conviver com eles, até que me dispus a ir dormir. A festa continuou!... Com eles, o Natal soube-me à presença viva do «Deus-Menino» — espontaneidade, alegria, simplicidade e humildade. O Natal dos simples!... Luxo, muito ateísmo, pouco «Natal». Triste o Natal dos «Senhores». São os paradoxos da vida!...

Rogério

Embora o Natal já tenha passado, não podemos calar o que o Pai do Céu nos fez e há-de continuar a fazer pela presença amiga e estimulante dos que puderam e quiseram partilhar connosco dos seus bens. E foram tantos! De longe e de perto. Uns fizeram-no pessoalmente. Outros por carta com legendas simples mas significativas numa afirmação clara de que se sentem membros desta grande família.

«De uns avós da Catumbela pelas melhoras do seu netinho», 100\$; de novo a Catumbela com 300 mais 200; de um casal de Benguela, acompanhado de seus filhos, 1.000\$ em cumprimento de uma promessa; do I. I. P. A. veio um grupo de pessoas amigas trazer-nos pessoalmente a sua lembrança, 1.140\$; de várias empresas de conservas de peixe vieram caixas com peixe congelado e uma delas que todos os meses nos dá 500\$, deu-nos mais 1.500\$; do Lobito 70\$. O grupo desportivo da Jomba, em valor subscrito pe-

Um pedido

A um «leitoeiro entusiasta de O GAIATO» só falta o n.º 44, de Novembro de 1945, para ter a colecção completa. Dado que a referida edição está há muito esgotada, em nossos arquivos — quem poderá servi-lo?

Campanha de assinaturas

Quando os homens querem — imbuídos de fé — não há barreiras a estorvar caminho! Deus é...

Toda a gente caminha a passos largos. Procissão veloz! As presenças crescem. E o fogo atinge o rubro. Incendeia muitos — tantos! — corações!

Entendíamos fazer, já nesta edição, uma paragem noticiosa. Que a falta de original gera sempre fartura... — graças a Deus. Mas quem resiste à avalanche?!

Os leitores são fachos de luz da Luz. Identificam-se com o Famoso. E, sendo assim — desde a primeira edição — lançados ao barulho, somos arrastados por crescente força d'ânimo. Vamos não se sabe até onde, nem como — diria Pai Américo. Vamos! E neste caminhar uns descobrem potencialidades inertes; outros revelam-se. E seguem o mesmo rumo. Incendeiam outros. Conquistam o mundo. E abrem clareiras — para que haja Paz e mais Justiça entre os homens. Já que dois terços da humanidade vive em ghettos...!

● ALEGRIA E ESPERANÇA

Aí vai Coimbra. Ouçam:

«Ao ler o último GAIATO, onde um correspondente lamentava ter só conseguido duas assinaturas senti-me triste por eu, que me considero grande amigo da vossa Obra, não ter conseguido nenhuma.

Conversando com o Senhor, disse: então eu nada?... E pensei: não pode ser... Pois é com alegria que a seguir vos indico quatro novos assinantes, com a esperança de mais algum mandar.

Todos esses novos leitores são fixos...»

● DE PAIS A FILHOS

Mais gente nova. Sangue novo! Fruto de pedagogia cristã. Eis a mensagem de uma Mãe:

«...A outra assinatura destina-se aos meus filhos que estão a estudar no colégio. E eu também gosto que eles leiam o vosso jornal...»

Foi Meirinhas. Agora, Rio Maior:

«... Uma mãe pediu-me para fazer a filha assinante de O GAIATO (três aninhos).

Que legendas deliciosas!



los sócios, enviou-nos 800\$00; mais 200\$; do Lobito 500\$; outra vez 500\$, deixados em nossa Casa, nas mãos dos rapazes; de Luanda um cheque de 5.000\$ com «votos de um Feliz e Santo Natal». De Benguela 1.000\$. De novo o Lobito, com 200\$ mais 150\$ mais 800\$, de um casal amigo. Outro casal de Catumbela veio com 500\$. Recebemos um saco de farinha de trigo; caixas de sabão; roupas usadas e roupas novas; calçado usado e calçado novo; a um dos vendedores de O GAIATO 285\$50; e um saco de açúcar e mais outro; de uma Mãe do Lobito 170\$; laranjas e conservas de fruta de uma empresa de Benguela que todos os meses nos dá o dinheiro para o nosso pão; de Novo Redondo 800\$; os nossos «Bata-tinhas» foram brindados com um caixote de brinquedos preparados com o mesmo carinho com que uma mãe e um pai os prepara para os seus filhos, obra de uma grande apaixonada pela nossa Casa, do Lobito. A Madalena, de Catumbela, mandou uma lembrança de 200\$

«para a grande família da Casa do Gaiato». Dos «amiguinhos», 50\$. Mais bolo-rei e uma caixa de bebidas de empresas nossas amigas; mais uma caixa com chavenas que tanta falta nos faziam. Tivemos a presença amiga de um grupo de funcionários da Lugral; de M. Nunes de Freitas, a lembrança habitual; de A. Simões Portela também. 500\$ mais 200\$ de Benguela. Mais esta legenda e uma nota de 500\$: «comungando na esperança de um Mundo Melhor vimos compartilhar convosco as alegrias de um Santo Natal». Outra vez 300\$ mais 200\$, de Benguela. De Nova Lisboa, um vale de 500\$. Outros 500\$ de um Banco de Benguela. Recebemos as cotas de Dezembro, de 50\$ mais 500\$ mais 500\$ mais 1.000\$.

Muito discretamente, à porta de uma Igreja, um casal amigo deposita em minhas mãos um envelope com 3 notas de 1.000\$. Mais este testemunho: «É este o primeiro Natal que passo em Angola, vivendo do meu modesto ordenado. Aqui junto a humilde oferta de 100\$, com a graça de Nosso Senhor, para vossa ajuda». Mais um cartão de Boas-Festas e 200\$; e mais 500\$00.

Façamos uma paragem nesta caminhada e ouçamos: «envio esta pequena quantia de 1.000\$ para ajuda do Natal dos seus rapazes. Foi um pequeno aumento de meu marido». E do Lobito. Outro vez o Lobito com um cheque de 150\$; e 500\$, de Benguela, de uma alma de vicentino que do seu rancho numeroso ainda consegue tirar para repartir.

De um grupo de funcionários dos C. T. T. 70\$; e mais 600\$, de pessoa amiga.

A todos os que de qualquer modo se incorporaram nesta procissão o nosso bem hajam.

Padre Manuel

● DE AVÓS A NETOS

Continuemos. Esta legenda é de Aveiro:

«... Venho pedir mandem o nosso querido jornal a um netinho meu que muito gosta dos Gaiatos...»

Com transfusões assim, vai a chama do Famoso por aí fora! Vai sim senhor.

● DE TIOS A SOBRINHOS

E temos a família toda! Mais atenção:

«Tive cá em minha casa um sobrinho do meu marido. Falei-lhe da Obra do Pai Américo. E disse-lhe para assinar O GAIATO. Que não era ajuda material que nos dava; mas o Pão do Espírito que recebíamos. Conto mais um! E espero que ele faça por lá (por Valença), o que eu faço por cá (por S. Mamede de Infesta)...»

Esta Mulher, de S. Mamede de Infesta — que conhecemos muito bem — é um caso sério. N'ninguém lhe resiste. Nem os sobrinhos! Que Deus a ajude.

● «FIQUEI TÃO ENTUSIASMADA...»

Mais uma legenda. É de Macedo de Cavaleiros — Trás os Montes:

«Tendo-me chegado o vosso jornal O GAIATO, fiquei tão entusiasmada com ele que peço para me tornarem assinante...»

Esta quinzena registámos muitas inscrições espontâneas!

● A METRÓPOLE DE NORTE A SUL

Vamos resumir ainda mais, quando não o Famoso fica só por nossa conta!

Continua na QUARTA página



A importância do caso que sob esta epígrafe apresentámos (importância do caso em si e da universalidade de casos de que este é um exemplo) exige-nos que o retomemos. Aliás, tivemos-lo sempre em mãos desde que o conhecemos e não o deixaremos enquanto não estabilizar a vida desta Família, seja qual for a solução a encontrar.

Instados daqui e dali, por pessoas privadas e entidades representativas, pedimos ao Pároco mais informações, quanto possível documentadas.

Ei-lo a dar-no-las:

«Para responder às perguntas que me fez na sua última carta sobre o nosso ex-mineiro, fui mais uma vez ao seu encontro. Conversámos largamente, e se a princípio fiquei apreensivo, comoveu-me a infelicidade daquele homem.

A possibilidade do emprego em Coimbra surgiu oito dias antes do Natal, com a condição de que ele fizesse o exame da 4.ª classe dentro de um mês.

Imediatamente lhe comuniquei isso, garantindo-me ele que ia logo tratar do caso. Fiquei tranquilo. Agora diz-me: «Bati a várias portas mas todas me disseram que eram férias e que aparecesse depois. Passou-se o Natal, e entretanto eu adoeci com a gripe. Não pude ainda iniciar a preparação para o exame, mas vou novamente atirar-me a isso...»

Perante a urgência duma resposta concreta, falou agora com um professor e diz-me que é preciso pelo menos um mês e meio para se preparar. Começará na próxima segunda-feira.

Não sei se em Coimbra ainda poderão esperar. De qualquer maneira, o homem vai tentar fazer o exame.

Perguntei-lhe ainda como é

RESPEITO PELO HOMEM

que ele estava a organizar a sua vida e disse-me:

«Paguei algumas dívidas que tinha: 600\$ de renda em atraso, 200\$ de leite para o meu filho, alguma mercearia que tinha comprado, e tirei o relógio do prego. Com o restante tenho-me atirado ao negócio e Deus tem-me ajudado. Já quase consegui ganhar o dinheiro com que paguei as minhas contas...»

Continuámos a conversar e eu quis saber mais pormenores acerca do seu antigo trabalho de mineiro, da altura em que se tinha declarado a doença e do comportamento das companhias de seguros quanto à sua incapacidade para o trabalho.

Aos 11 anos entrou como servente de pedreiro nas Minas da Panasqueira. Depois trabalhou de marleteiro nas mesmas minas até cerca dos 17 anos; e no mesmo ofício em várias outras minas e barragens e metropolitano de Lisboa, até à invalidez, com o intervalo de 18 meses no serviço militar.

É criada entretanto a Caixa de Seguros de Doenças Profissionais.

Submetido a exame médico revela-se a existência da silicose. (Doc. n.º 1 — Janeiro/66).

Consegue ainda entrar para a HICA em Paradela do Rio. Aceitaram-no por ser muito necessário o seu trabalho. Está aí quatro meses e só quando a Caixa o proibiu terminantemente é que o despediram.

Visado pela

Comissão de Censura

É organizado um Processo em Tribunal contra as empresas em que trabalhou em ambiente silicogénico (Doc. n.º 2 — Junho/66).

Durante um ano espera a resolução do Tribunal.

Como não tem recursos com que possa viver, requer ao Juiz uma pensão provisória, mas é-lhe negada (Doc. n.º 3).

Como ninguém lhe dá trabalho, pede à Caixa que o autorizem a trabalhar em qualquer coisa — tem família a seu cargo e precisa de viver.

A Caixa arranja-lhe um emprego em Paradela do Rio para fazer umas limpezas nos escritórios. Aí trabalha cerca de um mês. A empresa terminou as obras e despediu o pessoal.

Surge o julgamento do processo. (Doc. n.º 4 — Janeiro/67).

Esteve presente mas não foi informado da sentença. Passados 5 ou 6 dias foi

chamado por uma das companhias de seguros, que lhe pagou 7.300\$ respeitante ao tempo em que decorreu o processo.

Nessa altura é informado pela mesma companhia de que passaria a receber 1.000\$ por mês.

Recebeu-o de facto, mas só durante 3 meses. Como deixassem de lhe pagar, procurou saber a razão e informaram-no de que tinha havido recurso da sentença para o Supremo Tribunal.

Passaram perto de dois anos (O Supremo Tribunal decidiu em fins de Outubro /68) e surgem então os avisos das seis companhias de seguros que lhe dão o direito de receber a importância de 1.898\$86 anuais.»

Depois..., decorreram outros dois anos até que a história começou para nós. Passou-os o nosso homem a esgrimir no ar, não porque tenha coração

de D. Quixote! Claro que todas as miras altas que se fazem em tempo de aflicção não podem atingir alvo nenhum — quando não têm conta as aflições que miram tais alturas e não firme é o terreno que se pisa.

Pois quem dera que abalos como este — que imensas histórias semelhantes haveriam certamente de tornar explosivos — rasguem caboucos de estruturas novas; e o respeito pelo Homem seja a garantia de uma sociedade mais justa e mais feliz!

Aqui, Lisboa!

Tudo o que seja progresso, tudo o que vise o bem estar e a felicidade nos interessa. Se bem, como temos acentuado, o paraíso terrenal seja uma utopia, todos devemos estar empenhados na consecução da formação integral do homem, no desenvolvimento harmonioso da sua personalidade, na sua ascensão para o exercício consciente da liberdade, no embeber do espírito social que o leve a respeitar-se e aos semelhantes nos seus direitos e deveres. Os dons que nos foram cometidos, gratuitamente afinal, não podem ser desperdiçados, sob pena de nos tornarmos autênticos criminosos, autores de crimes de lesa-humanidade. Na caminhada a percorrer, tarefa nunca acabada, não pode haver indiferentes, pois, todos não somos demais.

Foi com grande satisfação e larga esperança, pois, que ouvimos e lemos as palavras dirigidas à Nação pelo Primeiro Responsável pela Educação Nacional. No posto humilde em que voluntariamente nos situamos, livres de compromissos de grupo, sentimos o dever de manifestar a nossa alegria pelas perspectivas que se abrem a todos os portugueses e ao País em geral, independentemente da origem, do dinheiro ou de factos marginais, para se terem em conta as autênticas possibilidades de cada um, baseadas no mérito, na inteligência e nas qualidades de trabalho. A ignorância, como factor de miséria e de atraso, tem de ser irradiada de vez da face da terra portuguesa. Dar possibilidades iguais a todos é um elementar dever de justiça; afastar enérgicamente todas as forças que se oponham à sua realização, sejam elas quais forem e donde venham, é uma obrigação que não podemos esquecer. Esbanjar valores ou impedir a sua afirmação, monopolizar a cultura por discriminação de qualquer natureza, que não baseada na inteligência ou no mérito, são atitudes anti-naturais, logo anti-humanas. E vamos à obra, que não há tempo a perder, para que sejamos mais livres e felizes!

Padre Luís

CANTINHO DE POESIA

Ânsia alada

Ai! a vontade de seguir em frente!

Sempre! mais para além!

O desejo de amar as coisas do Nascente

sem perturbar ninguém...

E devassar os Medos

E construir Impérios

E desvendar Segredos

Na noite dos Mistérios...

Noite que tudo vence! tudo assombra! tudo encobre...

Noite do Pobre!

Do rico! do Esfarrapado!

Noite do Ignorado...

D'O que anda sem guardida

Pelos caminhos da vida...

(A esta hora

Sob um tecto qualquer

Suporta as dores do parto uma mulher...

E nesta agrura,

O que o Homem prometeu

Ainda — em vão — alguém procura...)

Sinto em meu peito a ânsia de partir.

Ar? Terra? Mar?

Não sei.

Eu quero o Sol. Entrar na Noite... Sorver o Luar...

Eu quero conquistar

O Sonho que sonhei!

Por isso em cada mão

Empunhei uma Espada

E vou tornar-me agora Cavaleiro

Lutando contra TUDO e contra NADA!...

E hei-de lutar... lutar até ao fim!

Com tudo quanto existe em mim...

e a força do meu braço

outros fará abandonar a luta, de cansaço,

De modo tal

Que aquele que por ditos era Herói

Nunca mais! nunca mais será o que foi...

Abolirei seu trono,

Desfarei seu intento,

Dele apenas ficando ao abandono

Uma bandeira desfraldada ao vento...

E depois... ah!... depois de triunfar,

Voltarei a sorrir, voltarei a cantar,

Porque com a Vitória

O Homem mudará de trajectória...

E aumentarão os traços da Esperança!

E a vida tornar-se-á uma canção!

E eu voltarei a ser Criança

Que é a minha heróica condição!

CHAI, JANEIRO DE 1971

Santos Silva

Campanha de assinaturas

Cont. da TERCEIRA página

Um mar de gente! Passa por nós Alijó, S. Mamede de Infesta, Pinhão, Leiria, Elvas, S. Pedro da Cova (Gondomar), Sarzedas (B. B.), e Tomar.

Paremos um nadita, porque desfila a Póvoa de Varzim, com nove colaboradores de uma importante firma local. É gente poveira e vilacondense. Bons vizinhos da nossa Casa de Azurara.

Continuemos. Mais três presenças de Lousada. E outras de Tomar, Coimbra, Gaia, Arcos (Tabuaço), Porto da Balsa, Olhalvo, Ovar, Mirandela e, de novo, a Póvoa! Anda por lá muito fogo!



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

● PORTO E LISBOA

Boas notícias! E muito entusiasmo. Temos esperança nos milhares de amigos do Porto e Lisboa. São muitos os que não assinam o Famoso... Vamos para a frente!

● ULTRAMAR

Hoje, a costa ocidental é um vulcão! O nosso Padre Manuel remeteu — de Benguela — uma lista de 44 novos leitores. A maioria do Cubal; e uma bicha de Nova Lisboa, Nova Sintra, Guerra Junqueiro (Gare), Henrique de Carvalho, Teixeira de Sousa, Luacano, Lobito, Benguela, e Caála.

Houve ainda mais presenças do Cubal! E Golungo Alto, Luanda, Nova Lisboa e Lobito.

Parabéns aos angolanos! Da costa oriental está a cidade da Beira. E outras presenças vêm já a caminho.

Finalmente, uma pesada lista de doze novos leitores do Funchal. Não são pesos mortos. A Campanha é obra de vivos. De quem livremente se comprometeu. E lê; e se interessa; e quer amar os outros — seus irmãos. Aqui está!

Aportamos de novo em pleno Atlântico. E em que Ilha — tão bela, tão linda!

Júlio Mendes